



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E PROMOÇÃO
DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

LUCILENE LEMOS CAVALCANTE

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: COMPARTILHANDO SABER E CULTURA NA
EXPERIÊNCIA DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DO CAMPO MARIA
NAZARÉ DE SOUSA.**

**EUSÉBIO – CE
MARÇO DE 2021**

LUCILENE LEMOS CAVALCANTE

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: COMPATILHANDO SABER E CULTURA NA
EXPERIÊNCIA DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DO CAMPO MARIA
NAZARÉ DE SOUSA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Especialização
em Educação Popular e Promoção de
Territórios Saudáveis na Convivência com
o Semiárido, da Fundação Oswaldo Cruz –
Fiocruz Ceará.

Orientador: Prof. Me. Francisco Flávio
Pereira Barbosa

EUSÉBIO – CE
MARÇO DE 2021

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Escritório Técnico Fiocruz Ceará
Biblioteca Fiocruz Ceará
Gerada mediante dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C376e Cavalcante, Lucilene Lemos.
Educação do Campo: Compatilhando Saber e Cultura na
Experiência da Escola de Ensino Médio do Campo Maria
Nazaré de Sousa, no Assentamento Maceió. / Lucilene Lemos
Cavalcante. – 2021.
43 f. : il. : color.

Orientador: Prof. Me. Francisco Flavio Pereira Barbosa.
TCC (Especialização em Educação Popular e Promoção de
Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) –
Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio, CE, 2021.

1. Educação do campo. 2. Escola do campo. 3. Cultura.
4. Educação e Saúde Popular. I. Título.

CDD – 362.1068

Catálogo elaborado pela bibliotecária Camila Victor Vitorino Holanda CRB-3 1126

LUCILENE LEMOS CAVALCANTE

EDUCAÇÃO DO CAMPO: COMPATILHANDO SABER E CULTURA NA
EXPERIÊNCIA DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DO CAMPO MARIA NAZARÉ
DE SOUSA, NO ASSENTAMENTO MACEIÓ.

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Banca Examinadora

Prof. Me. Francisco Flávio Pereira Barbosa (Orientador)
Escola Estadual de Ensino Médio Maria Nazaré de Sousa

Prof. Me. Benedito Montenegro Alencar
Escola de Ensino Básico Domingos Gonçalves Muniz

Prof. Me. Leandro Araújo da Costa
Universidade Federal do Ceará

Data da Aprovação: 18 de março de 2021

EUSÉBIO-CE

DEDICATÓRIA!

Ao MST pela oportunidade de estudar e de conquistar
dignidade através do conhecimento e da luta.

Dedico a toda minha família, meu pai Raimundo Felipe
Cavalcante em especial meus filhos e netos Girlene
Cavalcante Silva, Francisco Gilberto Lemos da Silva (Junior),
Jessica Cavalcante Alves e aos meus netinhos Paulo
Jefferson, Carla Jeniffer, Vitória Kendely, Nedioelder. Ao meu
orientador Flávio sem o qual não teria conseguido concluir
essa difícil tarefa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Me. Flavio Barbosa pela liberdade e confiança no presente trabalho e aos relevantes questionamentos ao longo da orientação.

Agradeço a Fundação Oswaldo Cruz, aprendi muito com vocês! Gratidão pela a oportunidade.

Agradeço as direções da brigada Manuel Verissimo pela indicação e a Escola de Ensino Médio do Campo Maria Nazaré de Sousa pela oportunidade de construir juntos essa história.

Meus amigos/as e companheiros/as de Movimento do Ceará que sempre me deram força e entusiasmo para seguir em frente na trincheira da produção do conhecimento e da luta.

Agradeço aos meus filhos que são minha inspiração para continuar estudando e batalhando vocês são pessoas muito especiais para mim.

Agradeço ao MST por ter me concedido esse tempo para os estudos acadêmicos. A vivência no frei Humberto estará sempre presente nas minhas reflexões, sobretudo por ser uma realidade bem diferente da qual sempre estive habituado.

Sou muito grata!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado “EDUCAÇÃO DO CAMPO: COMPATILHANDO SABER E CULTURA NA EXPERIÊNCIA DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DO CAMPO MARIA NAZARÉ DE SOUSA, NO ASSENTAMENTO MACEIÓ”, destaca a importância da luta pela educação afirmada pelo MST, em que a Escola é mais que Escola, quando a educação está vinculada a um projeto político que tem como proposta o campo como um lugar de vida e os povos do campo como sujeitos. Este trabalho tem como objetivo sistematizar as experiências educativas de educação e saúde desenvolvida na Escola de Ensino Médio do Campo Maria Nazaré de Sousa, no ano de 2018. Para atender esse propósito, foi necessário analisar o projeto educativo promovido na escola junto à comunidade escolar e suas nuances com as práticas de saúde e educação popular, identificando as ações realizadas na escola em perspectiva da promoção do saber popular existente no território. A pesquisa foi feita por meio de vivência intensiva na escola, com observações do processo, principalmente na luta permanente pela efetivação do projeto da educação do campo dentre as contradições do estado.

Palavras-chave: Educação do campo; Escola do campo; Cultura; Educação e Saúde Popular.

SUMMARY

The present course conclusion work entitled “CAMPO EDUCATION: SHARING KNOWLEDGE AND CULTURE IN THE EXPERIENCE OF CAMPO MARIA NAZARÉ DE SOUSA SCHOOL, IN THE MACEIÓ SETTLEMENT”, highlights the importance of the struggle for education stated by the MST, in which the School is more than School, when education is linked to a political project that proposes the countryside as a place of life and the peoples of the countryside as subjects. This work aims to systematize the educational experiences of education and health developed at the Campo Maria Nazaré de Sousa High School, in 2018. To meet this purpose, it was necessary to analyze the educational project promoted at school with the school community and its nuances with the practices of health and popular education, identifying the actions carried out in the school with a view to promoting popular knowledge existing in the territory. The research was done through intensive experience at school, with observations of the process, mainly in the permanent struggle for the realization of the rural education project among the contradictions of the state.

Keywords: Rural education; Countryside school; Culture; Education and Popular Health.

RESUMEN

El trabajo de conclusión del presente curso titulado “CAMPO EDUCACIÓN: COMPARTIENDO CONOCIMIENTOS Y CULTURA EN LA EXPERIENCIA DE LA ESCUELA CAMPO MARIA NAZARÉ DE SOUSA, EN EL PUEBLO MACEIÓ”, destaca la importancia de la lucha por la educación planteada por el MST, en la que La escuela es más que la escuela, cuando la educación se vincula a un proyecto político que propone el campo como lugar de vida y los pueblos del campo como sujetos. Este trabajo tiene como objetivo sistematizar las experiencias educativas de educación y salud desarrolladas en el Bachillerato Campo Maria Nazaré de Sousa, en 2018. Para cumplir con este propósito, fue necesario analizar el proyecto educativo impulsado en la escuela con la comunidad escolar y sus matices con las prácticas de salud y educación popular, identificando las acciones realizadas en la escuela con miras a promover el conocimiento popular existente en el territorio. La investigación se realizó a través de una experiencia intensiva en la escuela, con observaciones del proceso, principalmente en la lucha permanente por la realización del proyecto de educación rural entre las contradicciones del Estado.

Palavras Clave: Educación rural; Escuela de campo; Cultura; Educación y Salud Popular.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3. METODOLOGIA	13
4. REFERENCIAL TEÓRICO	15
4.1 A LUTA POR ACESSO À EDUCAÇÃO E SAÚDE NO CAMPO	15
4.2 CURRÍCULO ESCOLAR NAS PRÁTICAS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO POPULAR	20
4.2.1 Inventário da Realidade	21
4.2.2 Tempos Educativos	22
4.2.3 Matrizes Pedagógicas	23
4.2.4 Campo Experimental	27
5. RESULTADOS DA PESQUISA	31
5.1 ESCOLA DO CAMPO: UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
7. REFERÊNCIAS	..433

1. INTRODUÇÃO

Para realização da pesquisa de campo, fiz opção pelo o território de resistência do Assentamento Maceió, situado no município de Itapipoca, estado do Ceará. Dentro desse imenso território de doze comunidades, com quase seis mil hectare de terra, e com mil e duzentas famílias habitando atualmente; existe uma experiência em curso de educação popular com foco na proposta de Educação do Campo nas áreas de Reforma Agrária coordenada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST/CE).

No centro do Assentamento Maceió, na comunidade de Jacaré, existe as instalações da Escola de Ensino Médio do Campo Maria Nazaré de Sousa, com dez anos de experiência de trabalho educativo junto a juventude camponesa da região. Para desenvolver a presente pesquisa, procuramos encontrar os traços e relações do projeto de Educação do Campo do MST com as dimensões delineadas no Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz-CE. Com a intencionalidade de identificar as práticas de educação em saúde, delimitamos o período do ano de 2018 para sistematizar essa prática e refletir sobre o possível impacto formativo na vida dos jovens que cursam o ensino médio na Escola do Campo Nazaré Flor.

Para realizar o presente trabalho, destaco um fator importante que me colocar na condição de pesquisadora e participante do processo, pelo fato da minha trajetória militante nos últimos quinze anos, ter sido dedicada na contribuição da realização das ações de alfabetização de jovens e adultos na região e no território do Assentamento Maceió por meio da Brigada Manoel Verissimo.

Com a conquista das quatro primeiras escolas do campo no Ceará¹, por meio das jornadas de luta no ano de 2007, nosso trabalho como militante da educação do MST na região, foi colaborar com os diálogos para

¹ As quatro primeiras escolas conquistadas foram duas no litoral, uma no Assentamento Maceió / Itapipoca, e a outra no Assentamento Lagoa do Mineiro / Itarema. No sertão, os territórios agraciados pela conquista, foram Assentamento Santana / Monsenhor Tabosa e o Assentamento 25 de Maio / Madalena, território histórico para o MST Ceará, onde foi hasteado a bandeira do Movimento pela primeira vez nas terras cearense, em 25 de maio de 1989.

construção política e pedagógica do prédio escolar à ser instalado no Assentamento. Toda essa construção militante, nos possibilitou escolher esse território para realização do trabalho, considerando as dimensões éticas e culturais na relação com as famílias assentadas estabelecida durante esse longo período de vivência.

No decorrer da pesquisa, realizamos um conjunto de leituras para fundamentar o marco conceitual e temporal das Escolas do Campo de Ensino Médio no Ceará, destacando o papel histórico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Ceará, na concretização dessa proposta de educação. O percurso histórico de implementação das Escolas do Campo, traz nuances com o enfoque do nosso curso de especialização, tornando necessária a leitura crítica dessa construção social que tem por finalidade assegurar direitos sociais e dignidade às populações do campo.

Na metodologia desenvolvida, adotamos o princípio da pesquisa qualitativo-descritiva potencializando a dimensão territorial da Escola, nas suas práticas educativas desenvolvidas nos ambientes educativos da Escola, e nas unidades produtivas dos quintais das famílias, onde residem os educandos da Escola. Dentre as práticas educativas, destacamos, enfatizamos o papel desenvolvido pelo ambiente educativo do Campo Experimental da Escola que tem por finalidade, experimentar e difundir conhecimentos da matriz de produção da Agroecologia. Na conclusão do trabalho, fazemos uma síntese da Educação do Campo, do projeto de escola que vem sendo desenvolvida na Escola Nazaré Flor e as nuances com o saber popular na promoção das práticas de saúde.

Com esse propósito, o presente trabalho a ser apresentado a banca examinadora do Curso de Especialização em Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis, na Convivência com o Semiárido, tem a finalidade de obter o diploma de conclusão.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Sistematizar as experiências educativas de educação e saúde desenvolvida na Escola de Ensino Médio do Campo Maria Nazaré de Sousa, no ano de 2018, visando contribuir com a proposta de Educação do Campo nas áreas de Reforma Agrária no Estado do Ceará

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o projeto educativo promovido na escola junto à comunidade escolar e suas nuances com as práticas de saúde e educação popular.
- Identificar as ações realizadas na escola em perspectiva da promoção do saber popular existente no território.
- Buscar as nuances entre o saber popular e saber científico, e o papel da escola na produção de saberes novos.

3. METODOLOGIA

Para realizar o presente trabalho, destaco um fator importante que me coloca na condição de pesquisadora e participante do processo, pelo fato da minha trajetória militante nos últimos quinze anos, ter sido dedicada na contribuição da realização das ações de alfabetização de jovens e adultos na região e no território do Assentamento Maceió por meio da Brigada Manoel Veríssimo. Com a conquista das quatro primeiras escolas do campo no Ceará², por meio das jornadas de luta no ano de 2007, nosso trabalho como militante da educação do MST na região, foi colaborar com os diálogos para construção política e pedagógica do prédio escolar a ser instalado no Assentamento.

Feito esse registro da nuance entre o pesquisador e o objeto de estudo, a pesquisa seguiu um percurso metodológico com leituras teóricas, para fundamentação da pesquisa e seus delineamentos práticos na sistematização das ações consideradas significativas, de maior repercussão para a comunidade escolar de modo geral, e o impacto aos atores destas conquistas sociais e políticas que posicionaram a Escola no patamar aonde ela se encontra hoje.

Para realizar esse trabalho não foi fácil, exigiu bastante organização e um caminho delimitado previamente para o alcance dos resultados. Procurando atingir os objetivos da pesquisa, nos enquadrámos no espaço temporal de um ano, de modo a controlar e mensurar a assunção das ações aos níveis de satisfação à comunidade escolar e ao coletivo de educação do MST Ceará.

Para delimitar as ações realizadas durante esse período, enquadrámos a pesquisa no ano de referência de 2018, para tal empreendimento, recorreremos aos documentos da Escola, relatos das reuniões de planejamento, acervo fotográfico, planos de ensino, tudo sob custódia da coordenação pedagógica da escola. Realizamos uma busca nas redes sociais da escola, nos

² As quatro primeiras escolas conquistadas foram duas no litoral, uma no Assentamento Maceió / Itapipoca, e a outra no Assentamento Lagoa do Mineiro / Itarema. No sertão, os territórios agraciados pela conquista, foram Assentamento Santana / Monsenhor Tabosa e o Assentamento 25 de Maio / Madalena, território histórico para o MST Ceará, onde foi hasteado a bandeira do Movimento pela primeira vez nas terras cearense, em 25 de maio de 1989.

perfis de *facebook*, *blog* e no correio eletrônico, para acessar essa memória registrada e publicizada junto aos atores da comunidade escolar.

Por fim, o que vamos tornar público através desse labor realizado nos intervalos de tempo³, de acompanhamento aos nossos educandos em tempos difíceis para o mundo e em especial para o Brasil, quando estamos atravessando a pandemia COVID-19 com ausência de uma política pública nacional de saúde, que seja eficiente para minimizar a perda de vidas de muitos brasileiros.

No capítulo a seguir, encontraremos o vigor do trabalho educativo realizado pela escola, por meio dos educadores e educandos, como agentes direto da transformação, da formação da consciência dos trabalhadores em defesa do território costeiro, com mais cultura, saúde e educação para todos.

³ A autora conforme assinalada acima, é educadora da escola, atualmente contribui no ambiente da Biblioteca e coordena o componente curricular das Práticas Sociais Comunitárias (PSC).

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 A LUTA POR ACESSO À EDUCAÇÃO E SAÚDE NO CAMPO

Vivemos em uma sociedade condicionada por relações de troca e consumo de mercadorias, em que todas as coisas produzidas são transformadas em mercadorias. Na lógica capitalista, a agricultura precisa ser “libertada dos caprichos da natureza”, funcionando na lógica de uma fábrica, mantendo seu vínculo exclusivamente com máquinas e insumos químicos industriais... O campesinato, ao contrário, ao longo de sua formação histórica, procura interagir com o ecossistema, desenvolvendo mecanismos de manejo dos agroecossistemas que busquem a reprodução social e ecológica, contribuindo com a interação metabólica entre os seres humanos e a terra (MONNERAT et al., 2017 p. 20).

No Brasil, chegamos a uma encruzilhada histórica. Se de um lado está o projeto fascista, que destrói a nação e aumenta a exclusão social, homofóbico, racista, machista, deseja exterminar os índios, contra todos os direitos dos trabalhadores/as. Do outro lado, há a possibilidade real de uma rebeldia organizada e da construção de um novo projeto mais popular. Um projeto acessível para que todas as pessoas tenham emprego, comida, e tenham casa para morar e principalmente, que haja respeito entre as pessoas e suas diferenças de raça, cor religião, opção sexual etc. É certo, que a pobreza existe não porque é difícil saciar a fome dos pobres, porque temos riquezas suficiente para serem distribuídas, mas porque é difícil saciar a ganância e o egoísmo dos ricos.

Vivemos numa sociedade capitalista cada vez mais desigual, que produz riquezas para poucos e miséria para muitos. O capitalismo mundial é agora comandado pelo capital financeiro e pelas grandes empresas privadas transnacionais, que dominam e controlam a produção e circulação das mercadorias em todos os países. Neste contexto, tudo vira negócio: a produção de alimentos, a saúde, a educação, o lazer, e cada vez mais espaço público é subordinado aos interesses das classes detentoras do capital, pondo em perigo a vida humana e a natureza. (MST, 2017, p.191)

Diante desse cenário, a agricultura torna-se uma atividade econômica, pautada nos interesses do capital globalizado, tendo suas safras negociada em bolsas de valores no mercado de ativos e investimento futuro. Assim, o campo

é pensado como negócio, e a educação segue a mesma lógica de adequação a esse *modus operandi* de pensar e produzir a vida social no campo. Um campo sem gente, com envenenamento da terra, alimentos produzido com baixo teor nutricional, gerando insegurança alimentar, fome e problemas de saúde a população mundial⁴.

Nesse contexto, a educação e a saúde fazem parte de um processo de luta constante, por serem direitos sociais em um país como o nosso, com expressiva desigualdade entre as camadas sociais; a luta pelo o acesso a esses direitos tem dimensões de resistência e afirmação, principalmente para as populações rurais. A construção social desses direitos aos camponeses, passou por um longo processo histórico de lutas, durante o século XX.

No Brasil, o direito a educação dos trabalhadores e trabalhadoras ainda não foi resolvido. O projeto escravocrata, latifundista e agroexportador explica porque sequer chegamos à universalização da educação básica e porque existe 14 milhões de jovens e adultos ainda não alfabetizados. Este projeto é responsável pela desigualdade histórica no atendimento dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. (MST, 2017, p.192).

As políticas de saúde para o campo no Brasil sempre estiveram marcadamente associadas aos interesses econômicos ligados a garantia de mão de obra sadia para a exploração dos recursos naturais, como foi no caso da exploração da borracha, ou para apaziguar os anônimos dos movimentos sociais do campo, como ocorreu com as ligas camponesas e a conseqüente criação do fundo de assistência ao trabalhador rural (Funrural). Embora a constituição de 1934 determinasse o direito a previdência social a todos os trabalhadores brasileiros, a população rural só teve acesso a proteção social no início dos anos de 1970. Vários fatores poderiam explicar essa questão, desde a forma subalterna com que o setor rural participava da estratégia de desenvolvimento do país após 1930, até o fato de que essas populações ainda não tinham se constituído em grupos de pressão com capacidade de articulação política e vocalização suficiente para o estado populista-paternalista os visse como grupo social... (DELGADO; CARDOSO JR., 2002; VIANNA, 1998 *apud*. CARNEIRO et al., 2017, p.31)

Portanto, se considerarmos o projeto de Educação do Campo do MST, e os desafios de implementação da proposta, entendendo como uma demanda

⁴ A cada ano, cerca de 26 milhões de casos de intoxicação por agrotóxicos são registrados no mundo. Desses, três milhões requerem hospitalização; sendo 750 mil com registro de intoxicação crônica 220 mil casos fatais. No Brasil, dados de óbitos decorrente de intoxicação por agrotóxico mostram que 1.669 casos foram registrados entre os anos 2000 e 2008. (HART; PIMENTEL, 2002, *apud*. ALMEIDA et al., 2017, p.336).

reivindicatória dos movimentos sociais do campo, no caso das políticas públicas de saúde não é diferente. O Sistema Único de Saúde que foi construído durante o processo de redemocratização do Brasil, hoje vive sob uma névoa que ameaça privatizar esse sistema na atual gestão do governo federal, assim, como o sucateamento de outros bens e serviços público. Nesse sentido, só a luta pode alterar essa conjuntura de ameaças as conquistas sociais no campo da Educação e da Saúde.

O Brasil vive um momento histórico marcado por lutas aos direitos sociais básicos. Várias pessoas de todo o país saíram as ruas reivindicando acesso a serviços públicos de qualidade, principalmente para o transporte, a saúde e a educação. Dessa forma, a reivindicação pelos direitos, nesse país, ainda é um desafio as populações das cidades, principalmente em grandes metrópoles. Contudo, para as populações do campo, da floresta e das águas, residentes em sua grande maioria no norte e nordeste do país, prevalecem situações de iniquidades, de vulnerabilidade e das desigualdades históricas e estruturais bem mais graves, como, por exemplo, a falta de acesso aos serviços de saúde e de saneamento. (CARNEIRO et al., 2017, p. 38)

Destacamos aqui a invisibilidade das populações do campo, no acesso as políticas públicas, com destaque aos camponeses, atingidos por barragens e grandes obras, os extrativistas, indígenas, quilombolas dentre outros segmentos que reside no campo. No texto da Constituição Federal de 1988 foi criado o Sistema Único Saúde (SUS) com os princípios de integralidade, universalidade e equidade. Entretanto, é somente em 2011 que a política nacional de saúde integral às populações do campo, da floresta e das águas; isso mostra os desafios permanente para construir direitos sociais para os camponeses com o protagonismo dos movimentos sociais do campo.

Historicamente a educação esteve presente em todas as cartas magnas do Brasil, porém somente nos anos 1960 com a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB n.4024/61) deixou a educação rural a cargo dos municípios. Na mesma década em que Paulo Freire deu suas contribuições significativa a educação popular. Passados os anos sombrios da ditadura civil militar, o MST surge no processo de redemocratização, junto com a retomada das lutas populares por direitos sociais e civis. Nesse contexto, o MST vem ao longo de sua trajetória construindo um processo formativo em que o ser

humano é valorizado pelo trabalho, a cooperação, a interação com a natureza no sentido histórico do movimento social.

Trata-se de olhar para o MST buscando enxergar sobretudo seus sujeitos humanos, os trabalhadores e trabalhadoras sem-terra, ao mesmo tempo que conseguir vê-los em perspectiva, quer dizer, na relação com o movimento. E este olhar nos remete necessariamente a história do próprio MST, e a um referencial teórico que nos permite interpretá-la desde as questões de formação humana (CALDART, 2012, p.28)

Dentro desse contexto de construção, o MST vem acumulando na sua experiência histórica em defesa da Reforma Agrária Popular, uma compreensão sobre o sentido entre educação do campo e saúde, de maneira que existe uma interseção entre ambas as dimensões. No entendimento do coletivo nacional de saúde a realização desses direitos,

Carrega e traduz os valores no cotidiano de suas práticas, que sejam coerentes com a formação do ser humano e da sociedade solidária, justas e humanitárias, pautadas na integridade e no respeito à etnia, diversidade sexual, cultural e na formação de novas relações de gênero (MST, 2007 apud. LUVISON et al., 2017, p. 293).

Desde o início do MST, a educação foi um pilar importantíssimo na reflexão e construção da própria organização. Primeiro, por ser uma necessidade de acesso à Escola para as crianças que se encontravam nos acampamentos. Segundo, atendendo as demandas das famílias acampadas, a luta reivindicatória pelo direito a Educação passou a ser pautado nas audiências com o poder público, discutido a concepção de escola que os Sem Terra queriam para seus filhos. Desse modo, foi se desenvolvendo as ações de educação escolar no movimento e sendo construído o coletivo de educação, setor responsável pela elaboração e execução da proposta de educação do MST.

Pensando na educação das crianças que o MST começou a se preocupar com as escolas dos assentamentos, entendendo que poderiam ser o espaço de educação sistemática e científica das novas gerações, fornecendo-lhes a base de conhecimentos necessária para que participem e entendem melhor, inclusive, os outros espaços de formação do assentamento e do MST como um todo. (MST, 2017, p.16).

É importante percebermos pela história do Setor de Educação, sempre esteve nas prioridades do movimento, mais não foi qualquer educação. Desde o princípio, foi debatido qual projeto educativo era preciso para dar conta aos desafios do próprio movimento, de enfrentamento ao analfabetismo, mais construir uma proposta em que a escola fosse mais que escola no seu sentido estrito:

Acreditamos que uma escola realmente educativa é aquela que reconhece o valor educativo das práticas sociais concretas, especialmente as ligadas ao trabalho e a organização popular.... Nosso objetivo maior é o de educar as crianças para que compreendam e se situe na realidade onde vivem, começando pelo assentamento e chegando a sociedade, ao mundo como um todo... O trabalho ocupa um lugar fundamental na realidade de um assentamento. Nada há de mais educativo do que a criança participar, desde cedo, das novas relações de trabalho que se tenta implantar no assentamento.... Deve haver uma preocupação com a formação integral da personalidade da criança, abrangendo desde o aspecto intelectual, afetivo, físico, até os de relacionamento grupal e organização coletiva (MST, 2017, p.17)

O movimento foi construindo uma concepção de educação no seu processo histórico que; mais do que inventar o que estão fazendo, busca a recuperação de algumas matrizes pedagógicas desvalorizadas pela sociedade capitalista e fascista: pedagogia do trabalho; trabalho com prazer e dignidade, pedagogia da terra cuidando da terra com amor, e ao mesmo tempo cuidando de si mesmo; pedagogia da história valorizando o processo histórico dos antepassados, pedagogia da organização coletiva como instrumento de combate ao individualismo, pedagogia da luta social em busca da garantia da reforma agrária dos direitos iguais e transformação social rumo ao socialismo. No balanço organizativo da história do Setor de Educação, que celebrava seus 20 anos de trajetória, traz presente a seguinte leitura:

Esta é nossa marca e origem e um traço de projeto de Reforma Agrária do MST que ajudamos a desenhar. Quase ao mesmo tempo que começou a luta pela terra, o MST, através das famílias acampadas e depois assentadas, começou a lutar também pelo acesso dos Sem Terra e a escola pública; agimos para provocar o estado a agir; construímos e pressionamos políticas públicas para a população do campo... (MST, 2017, p.81).

E continua destacando os avanços no método de trabalho educativo por meio da pedagogia do próprio movimento:

Em nossa trajetória, fomos construindo uma concepção de educação, um método de fazer formação das pessoas, uma concepção de escola. Desde o início tivemos a preocupação de fazer e então ir pensando o que seria a "escola diferente", e depois os princípios da educação no MST; por isso chegamos à pedagogia do movimento e a educação do campo. Começamos nossa reflexão pedagógica na escola, saímos dela e estamos voltando a ela, agora partir de uma visão bem mais alargada de educação e do próprio movimento (MST, 2017, p.83).

Diante desse processo de construção, o MST alça sua proposta de educação na elaboração de uma política de educação *do* campo e *no* campo. Assim, o MST é um dos signatários do movimento educacional no campo brasileiro, nos finais da década de 1990, nutrido pelo *I Encontro Nacional dos Educadores e Educadoras da Reforma Agrária - ENERA*, realizado em julho de 1997 e a *I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo*, em julho de 1998. Desses eventos nacionais, foram construídas algumas premissas para a implementação da proposta de educação do campo.

Uma escola política e pedagogicamente vinculada à história, à cultura e as causas sociais e humanas dos sujeitos do campo, e não um mero apêndice da escola pensada na cidade; uma escola enraizada também na práxis da Educação Popular e da Pedagogia do Oprimido (KOLLING, CERIOLO, CALDART, 2002, p.19).

De acordo com Caldart (2002), a perspectiva da educação do campo é exatamente "a de educar este povo, estas pessoas que trabalham no campo, para que se articulem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino" (CALDART, 2002, p.27).

Neste sentido de construirmos processos de educação e formação em defesa de todas as vidas, é que nossa Escola de Ensino Médio Maria Nazaré de Sousa, vem se dedicando ao longo de seus 10 anos de história, lutas e conquistas na transformação de paradigmas contra hegemônicos existente na sociedade vigente. Com esse propósito, trataremos de algumas ações e práticas do currículo da experiência em curso, que vem sendo calcada nos alicerces da Educação do Campo, no encontro com a saúde popular, às práticas e saberes das comunidades.

Vale ressaltar que essa realização, é fruto produtivo da Escola, realizado por meios pedagógicos de interação com os educandos, que vem sendo acumulando na elaboração de um novo saber científico e popular por

força da iniciação científica, da dimensão do trabalho e da prática social engajada dos educandos, e dos demais coletivos da Escola junto à comunidade escolar.

4.2 CURRÍCULO ESCOLAR NAS PRÁTICAS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO POPULAR

O plano de estudos da Escola de Ensino Médio do Campo Maria Nazaré de Sousa, se norteia por diretrizes pedagógicas que orientam a elaboração do Plano Anual de organização e funcionamento da escola. São cinco diretrizes, a saber de acordo com o Projeto Político Pedagógico – PPP (2019): “inventário da realidade, campo experimental, matrizes pedagógicas (cultura, trabalho e luta social), tempos educativos e organicidade”. Silva (2016), destaca esses cinco eixos aglutinadores do currículo das escolas do campo no Ceará, como sendo uma inovação da forma escolar de ensino médio regular, que podem ser sistematizados da seguinte forma:

O inventário da realidade e o vínculo com a vida; Diversificação de tempos e espaços educativos para uma formação multidimensional; O campo experimental da agricultura camponesa e da reforma agrária e o vínculo com o trabalho; A inserção de componentes curriculares integradores, na parte diversificada, organizando pedagogicamente a pesquisa, o trabalho e a intervenção social; A organização coletiva e a auto-organização dos estudantes. (SILVA, 2016, p.105)

Para dar ênfase a formulação do PPP da Escola do Campo Nazaré Flor, destacaremos os cinco elementos que orientam o labor pedagógico dos educadores na condução do plano de ensino com foco nos objetivos da Escola.

4.2.1 Inventário da Realidade

O inventário da realidade é uma matriz de conhecimento elaborada coletivamente pelos sujeitos da Escola, nele consta um diagnóstico de caracterização das formas participativa de gestão e organização existe no território escolar, no mesmo sentido, consta as fontes educativas do meio (naturais, culturais e sociais). Sendo o trabalho algo inerente a condição humana, e um princípio educativo, no seu sentido ontológico, no inventário é feito o registro das formas de trabalho e cooperação existente no território.

Para concluir o inventário, consta a elaboração das principais lutas sociais e contradições que pulsam no território, desde ameaças externas, como a especulação imobiliária e turística, em função do território estar situado na zona costeira do litoral oeste cearense.

Para trabalhar o inventário no planejamento pedagógico, no início de cada ano é feito um balanço avaliativo do que foi trabalhado no ano anterior, e definido quais às porções/temas da realidade são estudadas por meio dos conteúdos e incursões científicas sobre o real durante as aulas práticas e eventos de culminância na Escola. A escolha da porção⁵, é sempre um estudo de conjuntura que envolve a participação de toda a comunidade escolar, representada nos mais variados segmentos. Para facilitar o planejamento dos educadores, cada série/ano fica com um tema/porção que será considerado na definição dos conteúdos uteis em cada período/bimestre da escola.

De acordo com documentos de planejamento da Escola, nos anos 2018 e 2019, foram estudados os seguintes temas/porções do inventário da realidade: nos primeiros anos, o enfoque foi nos problemas contemporâneos enfrentados pela juventude, para escola chegar a esse entendimento, foi realizado durante o ano de 2017, um diagnóstico com perguntas aos educandos, a fim de obter as informações para ter os assuntos mais relevantes que gerava atração nos jovens, seja por curiosidade ou tensão. O resultado da enquete indicou os temas das relações de gênero, sexualidade, drogas, vícios tecnológicos, preconceito e religiosidade. Para os educandos no segundo ano, a porção da realidade destacada para ser estudado, foi a abordagem das ameaças e conflitos agrários no território, enquanto, os terceiros anos, foi designado a porção da agricultura camponesa e agroecológica.

4.2.2 Tempos Educativos

Toda ação é educativa, e se tratando da Escola, as dimensões do ato trazem uma intencionalidade sobre o projeto de Escola e educação que se

⁵ Porção aqui tem o sentido de parte de um todo integrado da realidade, sendo que didaticamente é feito o fracionamento temático das questões centrais do Inventário da Realidade para que os educadores possam planejar suas aulas.

pretende almejar nos sujeitos em formação. Por isso, no projeto de Educação do Campo, os tempos educativos são parte da estratégia de ensino, e são considerados no planejamento pedagógico. Por tempos educativos, entendemos mediante nossa experiência na Escola do Campo, que são os momentos organizados para os educandos, experimentar, criar, cultivar valores e práticas de uma nova sociedade contra os valores atuais da sociedade de mercado.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola, os tempos educativos devem ser compreendido por:

Ultrapassar, o restrito espaço-tempo da sala de aula para constituir uma diversidade de tempos e espaços educativos nos quais todos os tempos e espaços precisam ser assumidos pedagogicamente por toda a comunidade escolar e suas formas organizativas. (ESCOLA NAZARE FLOR, p.44, 2019)

A diversidade de tempos educativos, tem por objetividade explorar vários espaços e ambientes que podem contribuir com a formação humana. Nesse sentido, o PPP traz os seguintes tempos: formação e mística, aula, estudo individual, trabalho, oficina, seminário, organicidade, esporte e lazer e atividades culturais.

4.2.3 Matrizes Pedagógicas

Segundo o PPP da Escola, a finalidade da escola é a formação humana, logo, a Escola entende o ser humano como algo não ‘acabado’, e sim inconcluso. Nesse sentido a educação é o “processo social e histórico de formação humana para a sua emancipação, estamos dizendo, também, que somente na ação com os outros, nos humanizamos; que nunca estaremos prontos, portanto, o processo educativo é permanente” (ESCOLA NAZARE FLOR, p.24, 2019).

Por matrizes pedagógicas, entendemos que são linhas norteadoras de um currículo que envolve a concepção de educação, na qual a Escola constrói conceitualmente junto à comunidade escolar para fundamentar seus preceitos constitucionais de ensino. No nosso caso, a temos a dimensão da luta social,

da cultura e do trabalho que no planejamento pedagógico da Escola com o coletivo de educadores, é levado em conta no ato de planejar.

Na dimensão da luta social, entendemos por tudo aquilo que faz parte da caminhada das comunidades no território escolar, suas lutas, seus anseios e desafios na luta para construir um mundo melhor. Sendo a Escola, parte dessas lutas e conquista das comunidades, sua historicidade e vivência são elementos constituinte para o plano de ensino da escola. No trabalho realizado no início da Escola, participamos de um processo reflexivo com a comunidade escolar, debatendo sobre qual 'modelo' de escola nós queríamos para nossos filhos, e nas conversas, saia o tipo de escola que não queríamos mais, a escola que não existia, que não chegava aos jovens e quando chegava não tinha um foco na valorização da luta e da história das comunidades. Nesse sentido, ouvimos muito as afirmações que queríamos uma escola comprometida com a luta social das comunidades e do Assentamento Maceió.

Encontramos no PPP da Escola, uma afirmação que orienta e expressa esse sentimento construído nas rodas de conversas nas comunidades, durante a construção do Projeto Político e Pedagógico da nossa Escola do Campo:

Garantir que a experiência de luta dos educandos e de suas famílias seja incluída como conteúdo de estudo; promover a organização coletiva, solidária e cooperativa; e compreender as lutas sociais e a organização coletiva como estratégias pedagógicas, desenvolvendo práticas que fortaleçam na juventude a postura humana e os valores aprendidos na luta: o inconformismo, a sensibilidade, a indignação diante das injustiças, a contestação social, a criatividade diante das situações difíceis, e a esperança (ESCOLA NAZARE FLOR, 2019, p.25)

A ênfase na luta social, pode ser compreendida pela importância e constância dos conflitos agrários existentes na região, com destaque para litígios de terra que foram deixados da época da desapropriação do imóvel Maceió, há quarenta anos. Dentro desse contexto, encontramos a relação com a comunidade indígena na Barra do Mundaú da etnia Tremembé, que faz limite com o Assentamento, e nossa escola acolhe os estudantes, dos quais seus familiares não se identificam com a etnia, e isso são questões para reflexões permanentes, já que o território, ainda não tem sua demarcação social e jurídica da terra, de modo definitivo.

Vale ressaltar, que existe ainda na região os conflitos já destacado acerca da especulação imobiliária e turística, e os grandes projetos produtivos de interesse do grande capital, no setor da maricultura, energia eólica. Por estas, e outras razões, a dimensão da luta social é algo presente na vida da comunidade escolar, e os educandos por meio dos conteúdos úteis, das aulas práticas e vivências de campo, pode estudar e compreender o contexto desses conflitos, e se posicionar enquanto cidadão do território, na defesa da sua identidade e sua história.

Por cultura, entendemos ser uma dimensão ontológica, aquilo que estar intrínseco na nossa essência humana. No PPP da Escola temos a seguinte afirmação que corrobora com o conceito:

Um ser social, é histórico e cultural, por abriga em si uma complexidade de dimensões: física, afetiva, intelectual, moral, espiritual, que estão todas interligadas. Através da cultura o ser humano toma consciência da sua pertença ao mundo, transforma em signo a sua existência material (ESCOLA NAZARE FLOR, 2019, p.25)

Concordando com esse entendimento, a Escola promove, estuda e constrói conhecimento novo, por meio da sabedoria do povo, das lideranças, dos patriarcas e matriarcas, que são guardiões do saber advindo da transmissão oral por meio das várias gerações. Conhecimentos das curas, medicação caseira, culinária, folclore e tantas outras tradições que expressam a cultura de raiz presente na vida desses guardiões. A Escola tem uma atenção grande por essa dimensão, compreendendo que ela é fundamental para cultivar os valores de uma prática sustentável, principalmente nos aspectos da soberania e segurança alimentar.

No próximo capítulo, quando será tratado das ações práticas que vem sendo feita pela escola, será destacado algumas ações, que demonstra a fortaleza dessa dimensão no fortalecimento da cultura camponesa e da identidade dos jovens do campo.

Para concluir esse tópico, trazemos as reflexões acerca da pedagogia do exemplo, sendo a cultura a interseção, meio pelo qual, a aprendizagem será produzida na escola. O ato de aprender, vem com a observação dos atos,

atitudes, modo como a escola estar organizada, por isso é sempre destacado a importância de darmos bons exemplos enquanto educadores, pois os educandos se inspiram muito, na nossa prática pedagógica. Portanto, o exemplo é inspiração para o processo de aprendizagem que se constrói entre educador e os/as educandos/as, e a escola, na sua maneira de ser expressa aquilo que ela pretende construir para o futuro dos jovens que estão ingresso na unidade.

Partindo do PPP da Escola, entendemos o trabalho educativo como criação, recriação e transformação do espaço e da realidade em que vivemos. Nesse sentido, a dimensão do trabalho nos conteúdos úteis da Escola, passa por educar os nossos jovens sobre a historicidade do conceito, seu sentido ontológico para humanização do ser, assim como, seu sentido oposto da exploração da mão de obra, apropriação da mais-valia por meio do pagamento de salário.

Na escola, os educandos têm acesso as diferentes formas de trabalho existente no território. De acordo com o inventário da realidade, temos a prática no extrativismo à colheita de frutos silvestres, a exemplo do batiputa para produção do óleo medicinal, assim como, a colheita do murici para tomar uma cambica em família. Também, no campo do extrativismo, temos a prática dos povos do mar, as marisqueiras, coletores de algas e pescadores. Todas essas atividades, estão relacionadas com as formas de trabalho em que os nativos intervém, apenas para extrair dela, os alimentos da fauna e da flora dos ecossistemas existente no território de acompanhamento da escola.

Destacamos a contribuição das mulheres, com sua força de trabalho, por vezes com jornada de trabalho injusta na família, quando se considera o serviço doméstico, cuidado dos filhos e gestão da economia familiar na casa e no quintal. As mulheres em algumas comunidades do Assentamento Maceió, sobretudo, as comunidades da zona costeira, tem a prática do artesanato de birô que contribui com a renda da família e autonomia das jovens, que durante o 'tempo livre' no intervalo das atividades domestica realizam renda para ser vendida no mercado regional. É muito comum, a combinação entre um grupo de mulheres em determinados dias da semana, combina o tempo e lugar, no

alpendre ou cozinha de alguma das mulheres daquele determinado grupo, se ajuntam para conversar e fazer renda de birô juntas.

Para concluir essa seção da dimensão do trabalho no currículo, destaco a agricultura camponesa, a prática de agricultura de subsistência que envolve o preparo de terra para plantio de mandioca, milho e feijão e conseqüentemente, a inserção de culturas agrícolas de longa duração, como cultivo do cocó e caju. Essas atividades destacadas, põem em ciclo a relação humana entre os trabalhadores/camponeses com a natureza e seus meios para produção ou extração de fontes de alimentos para o auto sustento e geração de renda, para supri a carência de determinados itens necessário ao bem-estar das famílias no território.

4.2.4 Campo Experimental

Os campos experimentais são para as escolas do campo uma inovação muito grande. A proposta considera a disponibilidade de uma área agrícola, para cumprir uma função pedagógica no processo de ensino e aprendizagem da juventude camponesa. O PPP da Escola nos expressa o objetivo desse ambiente, e sua prática para construção de uma práxis do conhecimento construído dentro de uma intencionalidade escolar.

Propomos a constituição dos campos experimentais da agricultura camponesa e da reforma agrária como lugar de encontro da educação com a produção; da teoria com a prática, a partir de uma área específica de produção, mas também dos diversos outros espaços produtivos (ESCOLA NAZARE FLOR, 2019, p.46)

Portanto, para atender esses objetivos, foram sendo estruturados no decorrer dos dez anos de construção física da escola algumas unidades produtivas consideradas relevante para o contexto da realidade das comunidades, dentro do Assentamento Maceió e os territórios adjacentes.

A mandala é uma unidade em formato de circunferência, destinada ao centro um tanque com água em formato de funil que serve para o cultivo de peixe, nas bordas do tanque, tem a criação de patos, que cumprem a função ecológica de aerador natural para oxigenação dos peixes. Após essa primeira circunferência, que tem o propósito de produzir uma água nitrogenada, rica em

nutrientes de cor esverdeada para alimentar a segunda onda de circunferência, destinada a cultivo de hortaliças, que abastece com produtos hortigranjeiro a cantina da Escola, que faz os alimentos para servir nas refeições dos educandos, tudo dentro dos princípios da agroecologia.



FOTO 01 – Visita dos estudantes do Programa Residência Agrária – UFC, em 28/08/2020.
Fonte: acervo da Escola

O viveiro de mudas é uma unidade produtiva de fundamental importância, por ser a parte responsável por ensaios, experimentos e resgate de variedades de plantas que se encontram em estágio de extinção. O viveiro da escola, tem um papel ambiental destacado não somente para abastecer as áreas de reflorestação dentro do campo experimental, mas promover a doação de mudas e intercambio de sementes junto as comunidades.

As plantas medicinais, as plantas de proteína para utilização na ração animal, plantas arbóreas de valor comercial, as variedades de frutíferas, arvores com valor medicinal por meio da utilização da casca, raízes, folhas e frutas, plantas ornamentais para jardinagem; todas fazem parte de um conjunto de ações práticas que abastecem os quitais produtivos, criação de cercas vivas, reflorestamento de áreas de preservação permanente, jardinagem e produção de área florestal com foco no manejo ecológico visando a exploração de madeira no futuro próximo.

Para concluir, destacamos o papel do bananal, uma iniciativa dos últimos três anos, que tem o objetivo assegurar a soberania alimentar de bananas no consumo dos educandos na escola, e ao mesmo tempo produzir brotos para ser distribuído as famílias dos educandos para ter em suas casas, uma planta receptora da água da pia da cozinha ou do banho. Esse reuso da água com essa finalidade ecológica é importante, e ao mesmo tempo garante alimento para a família. Temos acompanhado exemplo de unidades famílias, que antes não tinha um troco de bananeira nas bordas da casa, e agora existe um cenário digno de ser observado, graças ao trabalho da escola.



FOTO 02 – Produção de bananas no Campo Experimental, em novembro de 2018.
Fonte: acervo da Escola

Na parte de criação de animais, temos a experiência com criação de galinhas agroecológicas, manejo de suínos nativos para realizar a aração do solo com o focinho e criação de ovelhas de modo intensivo com o propósito de produzir esterco para abastecer o viveiro e adubar as plantas das unidades produtivas do campo. Todos esses animais são manejados, dentro parâmetros

da saúde e bem-estar animal, são cuidados com a medicina terapêutica e homeopática.



FOTO 03 – Semeadura de raquetes de palma forrageira, em maio de 2018.
Fonte: acervo da Escola

As atividades desenvolvidas no tempo trabalho ou oficina, parte delas acontecem no Campo Experimental da Escola. A intencionalidade dessas ações tem o propósito de aprofundar os conhecimentos das ciências da natureza, sobretudo dentro de uma visão sistêmica com foco na agroecologia.

5. RESULTADOS DA PESQUISA

5.1 ESCOLA DO CAMPO: UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO

Atendendo aos objetivos da pesquisa, identificamos nos documentos de relatório de atividades da Escola, durante o ano de 2018, um conjunto de ações que vão ao encontro do primado da pesquisa. Destacamos a seguir algumas realizações que trouxeram presente, as reflexões e interação com a realidade dos sujeitos do território, e revelam a importância da criação e produção do conhecimento voltado aos interesses e necessidades dos que são endógenos ao território.

Destacamos dentre as inúmeras atividades de culminância realizadas no ano de 2018, e que sua intencionalidade teve o propósito de maior impacto na relação com a comunidade escolar. A realização do **III Festival de Arte e Cultura da Escola**, realizado no distrito de Baleia, no dia 25 de maio, com tema “A escola do campo e a identidade da juventude camponesa”. Naquela ocasião, as artes cênicas ganharam forma no palco instalado na praça da comunidade defronte a paisagem do mar. Danças, coreografias, teatro e desfile atraiu a atenção do público que participava atentamente, prestigiando o evento organizado pela escola. No intervalo entre uma e outra apresentação artística, educandos da escola recitavam poemas engrandecendo a identidade da Escola do Campo para o fortalecimento da juventude camponesa. Trazemos na íntegra, os cordéis e carta em homenagem a Escola para demonstra o refinamento poético dos educandos, na produção de poemas, prosas e cordéis.

Através de muita luta
Conseguimos com amor
Uma escola do campo
Chamada Nazaré Flor
Feita para camponeses
Que sabem o valor.

Não foi para qualquer um
Ter o direito de estudar
Mas com luta e resistência
Vinhemos a luta ganhar
Essa escola do campo
Que hoje vivemos a estudar

A escola Nazaré Flor
Em homenagem uma
guerreira
Mulher linda e lutadora
Que viveu todas barreiras
Por uma educação do campo
É Nazaré para a vida inteira

Todos os camponeses
Merecem uma escola de valor
Com muita educação
Voltada para agricultor
Que cumpre o seu papel
E que trabalha com amor.

Falar dessa linda escola
É uma grande satisfação
Um exemplo de lugar
Que traz a educação
E que vive transformando
Aluno em cidadão

Mas não vamos esquecer
De toda a gestão
Garantindo a educação
Dando vida a Nazaré
Que está em nosso coração.
Exemplo de cidadania

Força, fé e coragem
E a escola Nazaré Flor
 A qual só temos vantagem
 De ter essa escola linda
 Uma das mais belas
 paisagens
 Onde todos venham a crê
 No mundo mais igualitário
 E a diferença vim fazer.

A escola nos ajuda
 Em todas as questões
 Principalmente em uma delas
 Que é ser um bom cidadão
 Dentro e fora da agricultura
 Mesmo sem ter nenhum
 tostão.

A escola Nazaré Flor
 É linda de se ver
 Teve uma longa trajetória
 A qual devemos saber
 E oito anos de história
 Agora está a fazer.

As autoras, Navila Barbosa da Guia (turma:2B), da comunidade de Maceió; Daiane da Guia de Sousa (turma: 2A), da comunidade de Barra do Córrego e Ana Kelle de Souza (turma: 2A), da comunidade de Bom Jesus, ambas, comunidades que compõe o Assentamento Maceió, trouxeram nesse oratório, uma mensagem para a comunidade escolar na praia da Baleia, o sentido de pertencimento a Escola do Campo, quando com maestria destacaram na rima, os valores e práticas para forjar na juventude a formação para cidadania, como expresso no verso que a Escola *transforma o aluno em cidadão*, ou contribui para torna-se *um bom cidadão, dentro e fora da agricultura, mesmo sem ter nenhum tostão*.

Esse cordel foi preparado como atividade para os educandos, presta homenagem aos oito anos da escola, transcorrido durante no ano 2018, quando na ocasião, o III Festival de Arte e Cultura, foi dedicado também, para celebrar essa memória. Os educandos participaram e expressaram de várias formas, seus sentimentos em pertence a esta comunidade escolar, como é denominada entre todos de “Família Nazaré Flor”. O educando Edinaldo Irineu dos Santos⁶ (turma: 2A), que faz parte da comunidade de Lagoa das Mercês, situada nas fronteiras do Assentamento, fez uma carta expressando seu orgulho em ser educando da escola, e destacando sua aprendizagem com o método pedagógico de interagir com a realidade dos educandos e a comunidade.

⁶ Os educandos acima citados, concluíram seu Ensino Médio na escola no ano de 2019. Edinaldo Irineu, hoje cursa duas faculdades: Enfermagem pela UNIP e Serviço Social pela UNIFACS.

Nazaré Flor é uma instituição de ensino médio que trabalha a realidade do povo camponês. Eu tenho um imenso orgulho de ser um educando dessa escola porque aqui vim apreender muitas coisas da qual não tinha conhecimento, através dessa escola foi que aprendi a valorizar minha realidade, busco sempre preservar esse patrimônio e gosto de incentivar pessoas a fazer isso também. A escola Nazaré flor aplica um método bem diferenciado de outras escolas no campo, pois além de ser no campo, ela ainda é do campo, como assim, ela está encaixada no campo, e trabalha nossa vida como agricultor, pescador entre outros seja na matemática, física, biologia principalmente OTTP pois está vinculada com essa área em que a partir dos estudos abordados em aula teórica, os educandos fazem a pratica seja na escola ou mesmo em mesmo [domicílio](#). Essa escola foi conseguida com muita luta, sofrimento, suor e hoje somos vitoriosos de poder estudar nela. (ESCOLA, 2018)⁷



FOTO 04 – Educandos da escola recitando cordel durante a III mostra de Arte e Cultura na comunidade de Baleia, em 25 de maio de 2018.

Fonte: Acervo da escola

Destacamos no início, do segundo semestre de 2018, a realização do IV Semanário Temático Integrativo nas comunidades do território da escola, para estudar a realidade das comunidades, os temas das poções da realidade, destacado acima, como sendo um dos eixos aglutinadores da educação do campo. Com o título **“Diálogos em Agroecologia no Território Agrícola e**

⁷ Relatório das Práticas Sociais Comunitária (PSC), arquivo com registro das atividades dos educandos realizado durante as atividades de culminância da Escola.

Pesqueiro do Assentamento Maceió”, realizado no dia 28 de agosto do corrente ano, para às turmas de primeiro e segundo ano, com aulas acontecendo nos turnos da manhã e tarde, uma verdadeira gincana que movimentou toda escola e os educadores na preparação das aulas de campo nas unidades produtivas do Assentamento. Uma operação, que envolveu muito planejamento pedagógico, logística de transporte, pois as ações se realizaram nas comunidades do Assentamento.

Para realizar o trabalho, foi feita uma mobilização nas unidades produtivas das comunidades que compõe o Assentamento, recebendo a visita dos educadores da Escola, para orientar e planejar com a família ou coletivo, o que iria acontecer na realização do evento, socialização da experiência aos educandos na aula de campo. A segunda parte do trabalho, foi a preparação em sala de aula, onde as turmas foram orientadas com um guia de campo, para sistematizar aspectos relevantes na socialização das experiências e questões da realidade para ser debatido na turma em momento posterior. Na realização das aulas de campo, foram organizados sete eixos temáticos, para as turmas participar. Cada turma participava de um eixo, e em momento posterior foi feito a socialização na escola. Ver quadro abaixo:

TEMA INTEGRADOR	Turma	COMUNIDADE	EDUCADORES(AS) /EDUCANDOS(AS) RESPONSÁVEIS
Quintais produtivos e agroecologia	1º A	Bom Jesus/ família da Salette	Rômulo e Roger / Elissandra.(3ºC)
Potencialidades das algas marinhas no âmbito da agroecologia.	1º B	Casa das algas / Maceió	Claudinei, Josiane, Antonio /Beatriz (3º B)
Feminismo, Agroecologia e sustentabilidade	1º C	Barra do Córrego / Família da Mariana	Natália, Gleicione e João / Anderson (3º A)
Quintais produtivos, saberes intergeracionais e o fortalecimento da soberania alimentar.	1º D	Maceió/ Família Maria Branca	Simone e Jesael / Ègila (3ºB)

Agroecologia e as relações societárias no cenário do turismo comunitário.	2º A	Acampamento Nossa Terra	Cilene, Flávio, Elizeu/ João (3ºA)
Pesca artesanal versus pesca predatória.	2º B	Praia do Apiques	Veríssimo e Eudes/ Francisco Matias. (3º B)
Impactos do lixo na zona costeira	2º C	Praia do Apiques	Carine, Roberto, Janete/ Eliciane (3º B)

Quadro 01: adaptado pela pesquisa.

A realização das aulas de campo, trouxe muitos aprendizados para a escola. Os educandos poderão conhecer a realidade com um olhar de pesquisador, ao toma nota no caderno das falas proferidas pelas lideranças, que estavam a frente do processo da unidade produtiva familiar, que tem na sua base a referência das práticas em agroecologia. Podemos perceber nessa ação, a presença da escola na comunidade, fazendo pesquisa e interessada em conhecer e dar sua contribuição para o avanço dos processos de trabalho e produção, como nos aspectos da luta e resistência em defesa do território costeiro, quando três turmas, realizaram suas vivencias nas comunidades de Apiques e no Acampamento Nossa Terra, na praia de Maceió.

Embora, o foco central das vivencias não fosse analisar os conflitos agrários, mais as formas e estratégias que essas comunidades costeiras vem desenvolvendo para reafirmar sua luta e resistência na defesa do seu território, como um lugar de cultura, trabalho e identidade dos nativos, diferente do que consta em documentos oficiais de órgãos do governo⁸.

⁸ Existe uma série de planos de desenvolvimento para a zona costeira cearense, e consta nesses planos uma visão depreciativa das populações tradicionais que habitam nesses territórios. Há exemplo, no Plano de Desenvolvimento da Maricultura, cita que as comunidades vivem ainda em relações de trabalho, ditas como atrasada, que por isso, a necessidade de modernização e desenvolvimento, com atração de empresa para explorar a população por meio de salário, sendo que a comunidade tem seus direitos como pescadores, recebem benefícios no período defeso...



FOTO 05 – Registro da turma 2ºB com tio Assis, pescador e líder comunitário em Apiques ao centro, com o educador Verissimo postando uma camiseta do movimento dos pescadores. Ao fundo tem um cartaz orientando a pesca responsável para os pescadores saber da importância quando vim a sede da colônia.

Acervo: Arquivo da Escola.

De acordo com o plano de aula de campo, elaborado pelos educadores. Os educandos tinham o objetivo de conhecer o modelo de pesca explorado pelos pescadores da localidade de Apiques e compreendo-a como um meio de sobrevivências destes pescadores; e compreender a pesca daquela comunidade como o principal trabalho socioeconômico e como um instrumento cultural dos povos que dela sobrevivem. Um dos trabalhos feito pela turma com o educador de matemática, diante das anotações de levantamento da produção, foi organizar nas aulas posterior, informações estatísticas e gráficos para demonstra a viabilidade da atividade econômica que a comunidade desenvolve.



Foto 06 – Registro da turma 2ºB realizando o estudo dos impactos do lixo na praia, ao fundo percebemos o porto dos pescadores da comunidade de Apiques.
Acervo: Arquivo da Escola

Voltamos a analisar as vivências no enfoque dos quintais produtivos, destacamos às experiências familiares que vem sendo conduzida na família pelo protagonismo das mulheres. Nos quintais produtivo das camponesas Maria Branca, Salete e Mariana, existe algo em comum que deve ser destacado: o papel das mulheres na promoção da agroecologia no Assentamento, suas atividades produtivas estão ligadas com a sustentabilidade dos agroecossistemas. As plantas medicinais, os benzimentos, a participação na luta do Assentamento, e no movimento de mulheres, são registros que consta no currículo destas mulheres, que além de mães, são camponesas, e lutadoras no enfretamento ao patriarcado e em defesa das relações de gênero igualitária.



FOTO 07 – Tia Mariana, no seu quintal produtivo fazendo a exposição de sua experiência, e os educandos da turma 1ªA fazendo o registro de campo.
Acervo: Arquivo da Escola



FOTO 08 – Tia Maria Branca com os educandos da turma 1D fazendo o registro da aula de campo.
Acervo: Arquivo da Escola



FOTO 09 – Destaque do quintal da Tia Maria Branca, com o seu ensaio de mudas de espécies ornamentais, medicinais e frutíferas.
Acervo: Arquivo da Escola

No plano de aula dos educadores, para realizar a vivência nos quintais produtivos. O propósito central foi interagir com os saberes intergeracionais e fortalecer a dimensão da soberania alimentar para as famílias do território escolar. Para isso, foram traçados alguns objetivos: Conhecer experiências agroecológico, através dos quintais produtivos no assentamento; promover o diálogo de saberes agroecológicos entre educando-as e agricultores da comunidade; fortalecer a agricultura camponesa e a produção da alimentação saudável; contribuir com a aprendizagem dos estudantes nas matrizes da cultura, trabalho, luta social e a coletividade; (Relatório das ações da escola, 2018)⁹.

Dentro deste contexto, de fortalecimento da soberania alimentar, a escola desenvolve a ação de guarda das sementes, considerada como uma prática entre os camponeses, e faz parte da relação do homem com a natureza no processo de trabalho na agricultura. Na escola do campo, os educandos são estimulados, a cada ciclo produtivo de colheita, realizar a coleta e colheitas de sementes em suas comunidades, e trazer para escola, para que seja armazenada, e depois trocado com os camponeses que visitam a escola, e a

⁹ Acesso feito por meio digital:

<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1yRICrNJAhpof4R0tGHnfi7-iF2ralCjn>

outra parte ser semeada no campo experimental, para renovação e preservação das sementes, como um patrimônio da humanidade. No caso específico, das variedades de sementes nativas, as espécies de sábia, murici e batiputa, tem uma área considerado como 'banco' de produção de sementes para reprodução de mudas no viveiro, que são partilhados nas ações de reflorestamento no território.

Em novembro de 2018, a comunidade de Bom Jesus realizou um ato solene, de inauguração da Casa de Sementes no Assentamento, ação realizada pela comunidade em parceria com a Caritas Diocesana de Itapipoca. Naquela ocasião, a Escola se fez presente dando apoio, e fortalecendo os laços de aliança com o território em prol da soberania alimentar.



FOTO 10 – Registro da missão solene em ação de graças pela conquista da Casa de Sementes para o Assentamento Maceió.
Acervo: Arquivo da Escola.

Em síntese, podemos destacar que o ano de 2018 com intensa produtividade acadêmica para a comunidade escolar, os resultados são expressos na alegria dos educandos em fazer parte da escola e participar do processo educativo da escola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o desenvolvimento dessa pesquisa foi fundamental para percebermos melhor a realidade da escola, pois a mesma vem trabalhando dentro de uma proposta de valorização da cultura camponesa e a identidade do território em suas dimensões múltiplas. Na sensibilização da pesquisa em sala de aula, tivemos a grata satisfação da pesquisa ser bem aceita, os educandos ficaram bem interessados em falar sobre a temática abordada, pois consideram muito importante a reflexão, principalmente quando demonstradas a importância das ações realizadas e o potencial de formação para a juventude vim a ter um engajamento na luta pelo conhecimento contextualizado, popular e de elaboração coletiva.

A valorização cotidiana da identidade camponesa e sua incorporação no currículo escolar são essenciais para o reconhecimento de crianças e adolescentes do campo, pois, sabe-se que a sociedade é marcada por desigualdades sociais principalmente no campo. Desta forma espera-se que os educadores educandos/as pais se conscientizem e promovam outros momentos de reflexões e debates, trabalhem projetos frequentemente, onde os educandos/as possam compreender o legado deixado pelos seus antepassados e continuem construindo seu legado, deixando para seus descendentes uma sociedade mais consciente e mais humana.

Percebemos no labor de sistematizar os resultados da pesquisa, a grandeza de como a força do coletivo é forte e irresistível, quanto ansiedade de todos no conhecimento e reconhecimento do real, a interação com a realidade das ações inéditas que prima pelo novo, com igualdade e amor, sem ódio ou rancor. Não tenho dúvida, que estamos trilhando no caminho certo, e que a escola do campo cumpre para o território seu papel de forjar na juventude a consciência para defender seu território camponês e costeiro no litoral oeste do Ceará.

Faz-se necessária apresentar os limites percebidos nesta pesquisa na Escola Nazaré Flor, tanto a nível conjuntural como estrutural. No âmbito conjuntural, destacamos o pouco tempo disponível para empreender as etapas

do trabalho; no âmbito estrutural, mesmo com a realização de um conjunto de processos e ações através da pedagogia do campo, é fundamental destacar que o processo de formação política ideológica aos educadores/as, educandos/as, funcionários e gestão pedagógica, é lento e gradual. Foi possível identificar, fragilidade nesses aspectos. A disputa de ideologias com a mídia brasileira é gigantesca inferior, e clara diante da assimetria de poder entre a imprensa que pauta a hegemonia desenvolvimentista e as ações de demandas por justiça social.

As dificuldades evidenciadas tornaram mais lento o processo de territorializar a educação do campo e avançar na pedagogia transformadora para avançar na luta dos camponeses no litoral cearense. Entretanto, a luta por direitos, por educação com qualidade e emancipatória, que envolve a comunidade escolar e as famílias, é o fundamento essencial para assegurar a pedagogia transformadora na Escola de Ensino Médio do campo Maria Nazaré de Sousa.

7. REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete (org). **Caminho para transformação da escola: trabalho, agroecologia e estudo nas escolas do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

_____, **Por uma educação do campo**: traços de uma identidade em construção. KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo, osfs; CALDART, Roseli Salete (orgs). **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Vol. 4. Brasília, 2002.

CARNEIRO, Fernando Ferreira *et al.* O processo histórico e a criação do Obteia. In CARNEIRO, F.F; Pessoa, V.M; Teixeira ACA, (orgs.). **Campo, floresta e águas: práticas e saberes em rede**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; 2017. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012 4ªed.

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO MARIA NAZARÉ DE SOUSA. **Projeto Político Pedagógico**. Itapipoca/CE, 2019.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo, osfs; CALDART, Roseli Salete (orgs). **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Vol. 4. Brasília, 2002.

LUVISON, Idiana Rita *et al.* A conquista da terra e o acesso à saúde pública em Nova Santa Rita (RS): lutas coletivas. In CARNEIRO, F.F; Pessoa, V.M; Teixeira ACA, (orgs.). **Campo, floresta e águas: práticas e saberes em rede**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; 2017.

MONNERAT, Pricila Facina; SANTOS, Adriana Lima. Educação e floresta: conexão com a vida. In CALDART, Roseli Salete (org). **Caminho para transformação da escola: trabalho, agroecologia e estudo nas escolas do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Setor de Educação. **Educação no MST**. Caderno de Educação nº 14. – Memória Documentos 1987-2015. São Paulo, julho/2017.

SILVA, Paulo Roberto de Sousa. **Trabalho e educação do campo: o MST e as escolas de ensino médio dos assentamentos de reforma agrária do Ceará**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2016.